

Olhar a arte por uma tela – os efeitos da pandemia do vírus Sars-CoV-2 nas práticas artísticas do Sesc Lajeado, RS

Bruna Zanini Fiorin¹

 <https://orcid.org/0000-0002-8068-7388>

Angélica Vier Munhoz²

 <https://orcid.org/0000-0002-2644-043X>

Resumo

O artigo deriva de uma investigação conduzida junto com o Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq), da Universidade do Vale do Taquari e tem como objetivo compreender as práticas educativas e artísticas realizadas pelo Serviço Social do Comércio da cidade de Lajeado, RS, durante a pandemia de Covid-19. Tomando-se a noção de arquivo de Michel Foucault como procedimento, buscou-se arquivar as atividades realizadas pelo Serviço Social do Comércio ao longo de 17 meses e realizar entrevistas e conversas com uma agente cultural da instituição, a fim de compreender os modos de atuação e reinvenção da instituição em meio à pandemia. Os resultados dão visibilidade para o que foi produzido e apontam que novos arranjos podem ser reinventados.

Palavras-chave: Arquivo. Sesc. Pandemia.

Looking at art on a screen – the effects of SARS-CoV-2 pandemic on artistic practices of Sesc Lajeado (RS)

Abstract

The article comes from an investigation carried out with the Curriculum, Space, Movement Research Group (CEM/CNPq) at the University of Vale do Taquari and aims to understand the educational and artistic practices carried out by the Social Service of Commerce in the city of Lajeado, RS, during the Covid-19 pandemic. Considering the notion of archive by Michel Foucault (2008) as a procedure, there was an attempt to archive the activities performed by Sesc along 17 months, besides interviews and conversations with a cultural agent from the institution, in order to understand the modes of action and reinvention of the institution along the pandemic. The results have evidenced what was produced, also pointing out that new arrangements can be designed.

Keywords: Archive. Sesc. Pandemic.

Introdução

Este artigo deriva de uma investigação conduzida com o Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM) – que existe desde 2013 – com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs) e está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da

¹ Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, bruna.fiorin@universo.univates.br.

² Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, angelicavmunhoz@gmail.com.

Universidade do Vale do Taquari (Univates). A partir de autores da Filosofia da Diferença, como Derrida, Foucault e Nietzsche, o CEM tem por objetivo investigar os processos de ensinar e aprender produzidos por práticas educativas e artísticas em espaços escolares e não escolares. Interessa, portanto, para o referido Grupo de Pesquisa, aproximar-se das noções de ensino e de aprendizagem que permeiam os currículos de espaços escolares e não escolares – e pensar esses processos.

Tomando a noção de arquivo de Foucault (2008) como procedimento analítico, a presente investigação tem como objetivo compreender as práticas educativas e artísticas realizadas pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) de Lajeado, RS, durante a pandemia causada pelo vírus Sars-Cov-2. O Sesc/Lajeado tornou-se parceiro do Grupo de Pesquisa em 2018 e constituiu-se como um dos espaços não escolares de investigação do CEM. É fato que, inicialmente, o objetivo da investigação consistia em acompanhar as propostas educativas oferecidas pelo Sesc/Lajeado a estudantes de diferentes níveis educativos, a fim de compreender de que modo tal espaço é capaz de criar condições para educar o olhar para a arte.

Contudo, no início da investigação, em março de 2020, o mundo deparou-se com uma pandemia mundial, o que exigiu o cumprimento de medidas que reduzissem a mobilidade dos corpos. Por essa razão, os modos de trabalho do Sesc precisaram ser adaptados, assim como a presente investigação. A partir das mudanças de rumo, o objetivo da investigação foi redefinido e consistiu em refletir sobre os modos de reinvenção do Sesc frente a um momento tão desafiador. Além disso, fomos desafiados a pensar sobre como o olhar para a arte por uma tela virtual pode influenciar a experiência artística dos estudantes.

Pandemia

Foi em Wuhan, centro-sul da China, que o primeiro caso foi detectado. Uma nova e instável síndrome respiratória foi percebida e espalhou-se pela província chinesa rapidamente. A doença viral, que se mostrou extremamente contagiosa, imprevisível e possivelmente fatal, iniciou afetando apenas idosos e/ou pessoas com comorbidades, e logo foi descoberta a sua identidade: uma nova variação do já conhecido coronavírus, que recebeu o nome de Sars-Cov-2, causador da doença que foi chamada de Covid-19. A doença viajou o mundo de forma acelerada e incontrolável, mesmo com

o isolamento total em que a região originária foi colocada. Em apenas três meses, a crise estava instaurada, e, no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou tratar-se de uma pandemia global. Hoje, passados quase dois anos desde o início desse momento histórico, temos um Brasil que ultrapassa a marca de 600 mil mortos e um impacto econômico e social ainda imensurável (Santos, 2021).

Por tratar-se de uma doença contagiosa e sem nenhum tipo de tratamento preventivo, as únicas formas de conter a propagação do vírus foram o distanciamento social (para evitar aglomerações), a quarentena (de indivíduos que tivessem tido contato com pessoas com a doença, a fim de identificar se o sujeito apresentaria sintomas), o isolamento social (separação dos infectados) e o uso constante de máscaras faciais e álcool em gel (Macêdo, 2020). Portanto, ao exigir um afastamento dos corpos físicos, a pandemia obrigou o mundo a acelerar um processo que já vinha acontecendo a passos lentos: a virtualização da vida.

E foi assim que inúmeros governos do mundo inteiro passaram a adotar o ensino a distância como obrigatoriedade, com objetivo de conter a disseminação do novo coronavírus. Porém, ao passo que essa medida salvou e tem salvado milhares de vidas, também fez emergir com mais força um dilema que já vinha acompanhando a educação: o acesso universal à internet (Santos, 2021). Apesar de a Organização das Nações Unidas (ONU) ter declarado como um direito humano o acesso à internet, ainda vivemos um momento em que esse acesso de qualidade é um privilégio para aqueles que podem pagar por ele.

O Brasil vive essa realidade ainda mais duramente; afinal, a pandemia permitiu que houvesse agravamento do acesso à internet e ao mundo virtualizado para as classes sociais mais baixas, o que causou afastamento escolar das crianças e dos adolescentes. Dessa forma, a educação brasileira, antes predominantemente presencial, está sendo duramente afetada pela pandemia, tanto em seus espaços escolares quanto – e talvez principalmente – em seus espaços não escolares de ensino.

Sobre o Sesc

O Sesc foi fundado em setembro de 1946 com o objetivo de conter as tensões que estavam surgindo entre trabalhadores e empregadores. A primeira unidade da instituição foi aberta no Rio

de Janeiro no mesmo ano e realizou atividades referentes ao combate à mortalidade infantil. Em 1949, o Sesc começa a difundir-se em diversos outros estados brasileiros, mas é apenas em 1951 que o serviço passa a realizar atividades de caráter educacional, cultural e recreativo. Na mesma década, uma rede de Centros de Atividades começou a ser fundada ao redor do País, tendo como objetivo promover atividades que potencializam a educação, a cultura, o lazer e a assistência. Foram também criadas bibliotecas fixas e móveis.

Mas foi só em 1982, com o fim do Regime Militar, que o Sesc conseguiu investir em atividades de caráter cultural, antes reprimidas. Assim, projetos de Teatro, Cinema, Artes Plásticas, Música e Literatura iniciam-se por todo o País e buscam “garantir o fortalecimento da produção e o acesso qualificado dos mais diversos públicos a esse patrimônio” (Sesc, 2021), de modo que a cultura fosse não só instrumento de transformação mas também de preservação das tradições regionais. Assim, o Sesc traz como princípio democratizar o acesso de todo cidadão à cultura e entrelaçá-la com a educação e o entretenimento.

No âmbito da cultura, o Sesc divide suas atividades em diversos eixos. Os eixos trabalhados na unidade parceira do Sesc podem ser observados no Quadro 1.

Quadro 1 – Eixos Culturais

Eixos Culturais				
Artes Visuais	Cine Sesc	Música Sesc	Literatura	Artes Cênicas

Fonte: as autoras

Cada um dos eixos apresentados no Quadro 1 engloba uma série de diferentes atividades proporcionadas pelo Sesc, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Atividades de acordo com os Eixos Culturais

	Atividades Desenvolvidas
Eixo Artes Visuais	Exposições; Visitas mediadas; Concursos artísticos; Feiras literárias.
Eixo Cine Sesc	Sessões de filmes; Discussões de filmes.
Eixo Música Sesc	<i>Lives e shows.</i>
Eixo Literatura	Hora do conto; Exposições literárias temáticas.

Eixo Artes Cênicas	RS no palco; Teatro a Mil.
---------------------------	----------------------------

Fonte: as autoras

O Sesc conta com um catálogo extenso e diversificado de atividades passíveis de serem realizadas que vão ao encontro do seu papel “como disseminador de vivências e valores” (Sesc, 2021). Contudo, com a chegada da pandemia, grande parte de suas atividades ficaram impossibilitadas de serem realizadas, o que desafiou o Sesc e seus agentes de cultura a pensar novas estratégias, para que os objetivos do serviço fossem abraçados de novas formas, que respeitassem as novas regras de saúde coletiva.

Os processos de investigação

Para a presente investigação, aproximamo-nos de Foucault (2008) e de sua noção de arquivo, a qual é compreendida como um “conjunto de discursos efetivamente pronunciados” (Foucault, 2001). Para o autor, é no arquivo que podemos materializar todos os enunciados e permitir que os discursos conversem, se modifiquem e permaneçam vivos. Assim, investigar, utilizando a noção de arquivo em Foucault, coloca-nos em uma lógica de que estamos trabalhando com um arquivo aberto a relacionar-se com o futuro, um arquivo vivo e em constantes mudanças. Nessa perspectiva, à medida que o arquivo cresce, suas relações mudam, de modo a exigir uma desmontagem e remontagem das matérias que nele habitam. Falar de arquivo com Foucault não é trabalhar com um depósito de informações desconexas que têm como objetivo guardar informações do passado, mas sim com discursos vivos que falam do futuro e com o futuro. Por isso, é importante destacar que, segundo esse autor, o arquivo se constitui por um conjunto de discursos que não se caracteriza como um conjunto de signos referentes a determinados conteúdos, mas sim uma rede de signos que se conectam a outras tantas redes de outros discursos. Dessa maneira, ao constituirmos um arquivo para ser objeto de análise, estamos recortando um problema e delimitando suas relações.

Partindo dessa noção de arquivo, aproximamo-nos do nosso lócus de investigação. De início, entramos em contato com uma agente de cultura do Sesc – parceiro do grupo de pesquisa – que fica na cidade de Lajeado, no estado do Rio Grande do Sul. Nesse primeiro contato, foi solicitado

que o espaço nos enviasse um relatório com todas as atividades realizadas pelo setor da cultura, material que compõe um arquivo. Recebemos as atividades que ocorreram de janeiro de 2020 até maio de 2021, um total de 17 meses de atividades, dos quais 15 ocorreram durante a pandemia.

Além do arquivamento das atividades realizadas pelo Sesc ao longo dos meses mencionados acima, a agente cultural, trabalhadora do Sesc de Lajeado, concedeu-nos uma entrevista com o total de seis perguntas, cujas respostas foram transcritas. Também foi promovido um momento de conversa entre as autoras do presente artigo e a agente cultural do Sesc, a fim de melhor entender não só seu trabalho naquela instituição mas também o material que havia sido enviado e arquivado. Tanto a entrevista quanto a conversa ocorreram de forma virtualizada, a fim de respeitar as medidas de biossegurança impostas pela pandemia. Foi encaminhado ao Sesc o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para autorização do uso de informações, o qual foi assinado, digitalizado e anexado com os demais documentos recebidos neste projeto.

Do arquivo

A pandemia e a virtualização da vida que ela causou tornaram ainda mais difícil o trabalho do Sesc e de seus agentes de cultura, que atuam com o objetivo de levar a arte para escolas públicas. Segundo a agente entrevistada para esta investigação, muitas vezes, as atividades desenvolvidas e oferecidas pelo Sesc são *“uma das poucas vias de acesso à cultura que eles têm”*. Por isso, apesar do desafio da virtualidade imposta pela pandemia, ela diz: *“eu fico muito feliz de a gente poder estar proporcionando essas atividades para os alunos, mesmo que de forma virtual, e saber que a gente está plantando a sementinha”*.

Embora as atividades estejam acontecendo, a virtualização dificultou a programação do espaço, o que pode ser observado no Quadro 3, que traz um resumo das ações ocorridas de janeiro de 2020 até maio de 2021 – um total de 17 meses de atividades do Sesc. Desse tempo, apenas 2 meses são anteriores à pandemia, e, apesar da grande diferença entre as categorias apresentadas no Quadro 3, podemos destacar alguns pontos. O primeiro deles é que a pandemia reduziu drasticamente o número de atividades – basta vermos que, nos 2 meses que a antecederam, foi realizado um número de atividades correspondente a um terço do que ocorreu nos 15 meses

seguintes. Contudo, o número de atendimentos também é bem diferente e, ao contrário do exemplo anterior, teve um grande aumento. Isso pode ser explicado pela facilidade de acesso possibilitada pela pandemia aos sujeitos, que, estando em casa, conseguem acessar diferentes atividades sem precisar locomover-se. Porém, ao mesmo tempo que houve uma maior facilidade para participar das atividades, é impossível garantir a presença dos sujeitos nas atividades, uma vez que a virtualidade permite o movimento de desligar câmeras e microfones.

Quadro 3 – Relação de números de atividades e atendimentos ao longo dos 17 meses

	Meses pré-pandemia (dois meses)	Meses pandêmicos (15 meses)
N.º de atendimentos	7.304	104.588
N.º de atividades	25	75

Fonte: as autoras

Sobre a programação do Sesc, a agente de cultura relata: *“a gente [Sesc] vem de uma agenda muito intensa de eventos e, quando começou a pandemia, a gente se apavorou, tipo: e agora?”*. Como estratégia, os agentes de cultura de todo o estado começaram a reunir-se e a pensar em táticas que pudessem ser adaptadas para o virtual. Por isso, a agente diz que o maior desafio deles foi *“entender esse novo modelo virtual, saber qual a medida, porque não adianta a gente ter programação todos os dias porque as pessoas não vão assistir todos os dias”*.

No entanto, mais do que virtualizar atividades, o Sesc teve como desafio tornar atividades artísticas virtualizadas. A agente de cultura aponta que uma grande dificuldade foi:

avaliar o que a gente faz presencial, de que forma a gente poderia transformar isso em virtual, mas com qualidade. A gente sabe que nem tudo a gente consegue, eu digo, a arte – pelo menos para mim – a gente sente, não é? É muito sentimento, então, nem tudo a gente consegue passar do presencial para o virtual.

Aceitar que haveria, sim, uma perda significativa do que poderia ser realizado não foi fácil, mas era um movimento necessário por parte dos funcionários do espaço, o que também os motivou a pensar em outras formas de realizar as atividades através de uma tela, como percebemos na fala da agente: *“Foi uma questão de muita aprendizagem, de muita observação, do que as pessoas estão querendo, como as pessoas estão se comportando, como as pessoas estão consumindo a arte virtual,*

e aí buscar os melhores caminhos possíveis para isso”.

A despeito de todos esses desafios enfrentados pelo Sesc e seus agentes de cultura, podemos observar que conseguiram manter um ritmo intenso de atividades, o que pode ser observado no Quadro 4, que traz a relação do número de atividades por mês bem como o número de atendimentos (pessoas que participaram das atividades).

Quadro 4 – Relação de números de atividades e atendimentos por mês

	N.º de atendimentos	N.º de atividades
Janeiro - 2020	2.991	15
Fevereiro - 2020	4.313	10
Março - 2020	2.412	7
Abril - 2020	6.447	3
Mai - 2020	7.824	9
Junho - 2020	16.893	11
Julho - 2020	470	7
Agosto - 2020	1.102	7
Setembro - 2020	154	5
Outubro - 2020	36.506	7
Novembro - 2020	0	0
Dezembro - 2020	1.183	1
Janeiro - 2021	185	2
Fevereiro - 2021	2.721	3
Março - 2021	9.670	4
Abril - 2021	9.136	4
Mai - 2021	10.355	5

Fonte: as autoras

O eixo com o maior número de atendimentos do público foi o de Música – no período de maio e junho de 2020, fase em que houve o maior número de atividades relacionadas ao eixo, o País todo estava passando por uma onda de *lives* musicais, movimento seguido pelo Sesc. Como podemos ver pelos números, a ação mostrou resultados positivos, mas, conforme os meses foram passando, o público começou a decair aos poucos, até que o Sesc optou por suspender aquelas

atividades por tempo indeterminado. A agente cultural diz que, nas *lives*, o Sesc optou por “*valorizar os músicos locais, então, essa questão da fruição da cultura local, que é bem importante, a gente geralmente tem um feedback positivo*”.

Porém, no Quadro 5, podemos perceber que grande parte das atividades desenvolvidas foram referentes ao eixo cultural Literatura, eixo que também tem um grande número de atendimentos. Isso pode estar relacionado ao fato de o Sesc ter mantido atividades referentes a esse eixo com mais assiduidade ao longo dos meses e de algumas destas terem ocorrido de forma presencial, nos corredores da biblioteca do Sesc.

Quadro 5 – Relação de números de atividades e atendimentos por eixo temático

	Artes Visuais	Cine Sesc	Música Sesc	Literatura	Artes Cênicas
N.º de atendimentos	22.964	1.158	42.443	42.165	712
N.º de atividades	16	27	11	37	3

Fonte: as autoras

Da mesma forma, ainda podemos observar no Quadro 5 que o eixo de Artes Cênicas foi o mais prejudicado pelo período de pandemia – foi o que teve o menor número de atividades e atendimentos. Talvez isso esteja relacionado com a dificuldade de realizar atividades artísticas mais performáticas por meio da modalidade virtual. Semelhantemente, podemos observar que o eixo Cine Sesc também apresentou pouca participação, embora seja o segundo eixo com maior número de atividades.

Olhar a arte por uma tela

Segundo Loponte (2014, p. 146), a arte foi “marginalizada na hierarquia curricular escolar ou considerada como uma atividade extracurricular, acessória ou alentadora da seriedade das disciplinas mais importantes”. O que o Sesc oferece é a possibilidade de crianças e adolescentes entrarem em contato com uma forma de arte que ainda não tem tanto espaço nos ambientes escolares de ensino. Como disse a agente de cultura do Sesc: “*a gente sabe que nem tudo a gente*

consegue, eu digo, a arte – pelo menos para mim – a gente sente, não é? É muito sentimento, então, nem tudo a gente consegue passar do presencial para o virtual”.

Ao acreditarmos em uma arte produzida em meio às experiências, questionamo-nos: como passar essa arte por meio de uma tela? A arte não está relacionada apenas a objetos e pinturas, mas também e principalmente aos indivíduos e à vida (Loponte, 2014). Parece-nos que o desafio enfrentado pelo Sesc ao longo da pandemia, mais do que descobrir como realizar suas atividades de forma virtualizada, foi reinventar um novo modo de se relacionar com a arte.

Ao observarmos o arquivo elaborado a partir das atividades realizadas pelo Sesc em 17 meses, podemos perceber que o espaço conseguiu reinventar-se dentro dos limites impostos pela pandemia, assim como ofereceu a milhares de sujeitos uma oportunidade de entrar em contato com a arte em tempos tão sombrios. Porém, é impossível afirmar neste artigo o quanto todos os que participaram das atividades realmente experienciaram a arte, pois, em nosso entendimento, nesses momentos virtualizados, muito do afeto que vem junto com a arte é prejudicado, o que fragiliza a experiência.

Entretanto, não podemos desprezar o que foi levantado pelo arquivo. Houve um número expressivo de sujeitos alcançados pela arte, sujeitos estes que, em tempos não pandêmicos, poderiam não estar tendo essa oportunidade. Cabe-nos, porém, provocar neste artigo: o quanto esses momentos foram significativamente transformadores para todos os sujeitos? Estes se permitiram ser tocados pela arte que experienciaram? Essas são perguntas ainda sem respostas, mas que, quando pensamos sobre o olhar da arte por meio de uma tela digital, são recorrentes.

Por fim, parece ser este o propósito de operar com um arquivo: dar a ver o que está sendo produzido, torná-lo vivo para que possamos olhá-lo de outras maneiras, reinventando arranjos e trajetórias. Que novos e outros rumos possam ser traçados!

Referências

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2001.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro:

Forense Universitária, 2008.

LOPONTE, L. G. Arte contemporânea, inquietudes e formação estética para a docência. *Educação e filosofia*, Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 643-658, 2014.

MACÊDO, S. Um olhar para a subjetividade e a saúde mental do trabalhador durante e após a pandemia da Covid-19. *Trabalho (En)Cena*, Palmas, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/2526-1487e021005> Acesso em: 9 jun. de 2021.

SANTOS, B. de S. *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. São Paulo: Boitempo, 2021.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. *O Sesc*. Institucional. Página inicial. 2021. Disponível em: <https://www.sesc.com.br/institucional/o-sesc/> Acesso em: 1 jun. 2021.

Recebido em janeiro 2022

Aprovado em março 2024